

A construção da identidade de mulheres da Marujada de São Benedito de Bragança na Amazônia paraense



Ester Paixão Corrêa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal, Brasil

antropoviagem.ester@gmail.com

Fecha de recepción / Zusendungsdatum / Date de réception / Reception date / Data di ricezione / Data de recepção: 10/03/2020

Fecha de aceptación / Annahmedatum / Date d'acceptation / Date of acceptance / Data di accettazione / Data de aceitação: 19/05/2020

A construção da identidade de mulheres da Marujada de São Benedito de Bragança na Amazônia paraense

Resumo

O artigo discute a agência histórica das mulheres na construção da Marujada de São Benedito em Bragança, cidade localizada na Amazônia paraense, durante o processo de transformação que esta manifestação cultural enfrentou nos dois séculos de existência. O objetivo é analisar o lugar que as mulheres ocuparam nas diferentes fases de transformação cultural da Marujada, desde o período colonial até o contexto contemporâneo. O presente trabalho é decorrente da pesquisa de mestrado, foi construído a partir dos dados obtidos em pesquisa etnográfica que tratou das narrativas sobre a participação das mulheres nessa manifestação cultural, articuladas por diversos agentes sociais em entrevistas e documentos. A Marujada se afirma como ritual maior da Festa de São Benedito, com a qual se entrelaça no decorrer dos anos, de tal forma que uma não se sustenta sem a outra, porém nem sempre de forma harmônica, e diante dos conflitos, as mulheres, que são protagonistas da festa, protagonizaram também a sustentação dessa manifestação e articularam suas identidades individuais e coletivas por meio da festa.

Palavras chaves: *mulheres, agência, festa, ritual, Marujada de Bragança*

La construcción de la identidad de mujeres en la Marujada de São Benedito de Bragança en la Amazonía paraense

Resumen

El artículo analiza la agencia histórica de las mujeres en la construcción de la Marujada de São Benedito en Bragança, ciudad ubicada en la región amazónica de Pará, durante el proceso de transformación que esta manifestación cultural ha enfrentado en los dos siglos de existencia. El objetivo es analizar el lugar que ocuparon las mujeres en las diferentes fases de transformación cultural de la Marujada, desde el período colonial hasta el contexto contemporáneo. El presente trabajo es el resultado de la investigación de maestría, se construyó a partir de los datos obtenidos en una investigación etnográfica que abordó las narrativas sobre la participación de las mujeres en esta manifestación cultural, articuladas por diversos agentes sociales en entrevistas y documentos. La Marujada se afirma como un ritual mayor de la Fiesta de São Benedito, con la que se entrelaza a lo largo de los años, de tal manera que una no puede sostenerse sin la otra, pero no siempre de manera armoniosa, y frente a los conflictos, las mujeres, protagonistas de la fiesta, también protagonizaron el sostenimiento de esta manifestación y articularon sus identidades individuales y colectivas a través de la fiesta.

Palabras clave: *mujeres, agencia, fiesta, ritual, Marujada de Bragança*

Die Konstruktion der Identität von Frauen in der Marujada von São Benedito de Bragança in der Region Pará des Amazonas-Regenwaldes

Abstract

Dieser Beitrag behandelt die historische Rolle der Frauen bei der Errichtung der Marujada von São Benedito in Bragança, einer Stadt im Amazonasgebiet von Pará, während des Transformationsprozesses, den diese kulturelle Ausdrucksform in den zwei Jahrhunderten ihres Bestehens durchlaufen hat. Ziel ist es, die Stellung der Frau in den verschiedenen Phasen des kulturellen Wandels der Marujada zu analysieren, von der Kolonialzeit bis zum heutigen Kontext. Die vorliegende Arbeit ist das Ergebnis der Masterarbeit und wurde aus den Daten einer ethnografischen Untersuchung erstellt, die sich mit den Erzählungen über die Beteiligung von Frauen an dieser kulturellen Manifestation befasste, die von verschiedenen sozialen Akteuren in Interviews und Dokumenten geäußert wurden. Die Marujada ist ein wichtiges Ritual des Festes von São Benedito, mit dem es im Laufe der Jahre so verflochten ist, dass das eine ohne das andere nicht aufrechterhalten werden kann, allerdings nicht immer auf harmonische Weise, und angesichts von Konflikten spielten die Frauen, die Hauptfiguren des Festes, auch eine führende Rolle bei der Aufrechterhaltung dieser Ausdrucksform und brachten ihre individuellen und kollektiven Identitäten durch das Fest zum Ausdruck.

Stichwörter: Frauen, Handlungsfähigkeit, Fest, Ritual, Marujada von Bragança

The construction of women's identity in the Marujada of São Benedito de Bragança, in the Amazonian region of Pará

Abstract

This article analyses the historical agency of women in the construction of the Marujada of São Benedito, Bragança, a city located in the Amazon region of Pará, during the process of transformation that this cultural manifestation has faced across two centuries of existence. The aim of this work is to analyse women's position in the different phases of cultural transformation of La Marujada, from the colonial period to the contemporary context. This article is the result of a master's thesis. It was built out of the data obtained in an ethnographic investigation that addressed the narratives about the participation of women in this cultural manifestation, which articulated with various social agents in interviews and documents. La Marujada is established as a major ritual of São Benedito Festival, with which has intertwined over the years, in such a way that one cannot exist without the other, although not always in a harmonious way. In the face of conflicts, women, the protagonists of the festivity, have also had a leading role in keeping this cultural manifestation alive, and have articulated their individual and collective identities through this celebration.

Key words: women, agency, festival, ritual, Marujada de Bragança

La construction de l'identité des femmes à la Marujada de Sao Benedito de Bragança dans l'Amazonie Paraense

Résumé

L'article analyse l'agence historique des femmes dans la construction de la Marujada de São Benedito à Bragança, ville située dans la région amazonienne de Pará, au cours du processus de transformation que cette manifestation culturelle a fait face au cours des deux siècles d'existence. L'objectif c'est d'analyser la place des femmes dans les différentes phases de la transformation culturelle de la Marujada, depuis la période coloniale jusqu'au contexte contemporain. Le présent travail est le résultat de la recherche de maîtrise, construit à partir des données obtenues dans une recherche ethnographique qui a abordé les récits sur la participation des femmes à cette manifestation culturelle, articulés par divers partenaires sociaux dans des interviews et des documents. La Marujada s'affirme comme un rituel majeur de la Fête de São Benedito avec laquelle elle s'entremêle au cours des années, de telle sorte que l'une ne peut se soutenir sans l'autre mais pas toujours de manière harmonieuse et, face aux conflits, les femmes, protagonistes de la fête, ont également joué le rôle de soutien de cette manifestation et ont articulé leurs identités individuelles et collectives à travers la fête.

Mots-clés : femmes, agence, fête, rituel, Marujada de Bragança

La costruzione dell'identità delle donne nella Marujada di Sao Benedito di Bragança nell'Amazzonia paraense

Riassunto

Quest'articolo analizza il ruolo storico delle donne nella costruzione della Marujada di São Benedito in Bragança, città ubicata nella regione amazzonica di Pará, durante il processo di trasformazione che questa manifestazione culturale ha affrontato in due secoli di esistenza. L'obiettivo è analizzare il ruolo che hanno occupato le donne nelle diverse fasi di trasformazione culturale della Marujada, dal periodo coloniale fino al contesto contemporaneo. Il presente lavoro è il risultato della ricerca di maetria, che è stato costruito a partire dai dati ottenuti in una ricerca etnografica che ha considerato i discorsi narrativi sulla partecipazione delle donne in questa manifestazione culturale, articolati da diversi agenti sociali in interviste e documenti. La Marujada si afferma come un rituale maggiore della Festa di São Benedito, con la quale si è interrelazionata lungo gli anni, in modo tale che una non può sostenersi senza l'altra, però non sempre in maniera armoniosa, e di fronte al conflitto, le donne sono protagoniste della festa, ma anche del sostegno di questa manifestazione e articolano le loro identità individuali e collettive attraverso la festa.

Parole chiave: donne, ruolo, festa, rituale, Marujada di Bragança

Introdução

A Marujada de Bragança é um conjunto de danças que compõe os rituais da Festa de São Benedito, que acontece todo o mês de dezembro há mais de 200 anos na cidade de Bragança, se mostrando como uma das festas religiosas mais elaboradas e conhecidas do estado do Pará, Amazônia, Brasil. É considerada como símbolo principal de um ciclo festivo que se estende ao longo do ano e se constitui de diversos rituais, se estabelecendo como um espaço rico para a análise das questões das identidades culturais no mundo contemporâneo, ao mesmo tempo em que possibilita uma reflexão sobre os processos de resistências e agências que transformaram as identidades das mulheres, principalmente das mulheres negras, no Brasil desde o período colonial.

O principal espaço de articulação dessa manifestação é a denominada Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança¹, uma instituição hierárquica de caráter civil, que é herança das antigas irmandades religiosas do período colonial, junto com a Igreja, é quem realiza a festividade. A Marujada e a Irmandade de São Benedito têm uma gênese comum que remete ao ano de 1798. Conta a narrativa oficial que os escravizados pediram permissão a seus senhores para organizar uma irmandade, e após terem a permissão concedida organizaram uma festa para São Benedito e “os negros em sinal de reconhecimento, incorporados, foram dançar na casa dos seus benfeitores” (Bordallo da Silva 1981: 66), com a repetição das danças nas festas seguintes, se tornou uma tradição.

A principal característica da festa são os rituais de dança da Marujada que consistem em apresentações sequencialmente ordenadas e executadas diante do comando de uma mulher, que possui o título de Capitoa, seguida por outras mulheres e homens que dançam – marujas e marujos – no barracão durante a festividade. Mas para além do espaço delimitado, a marujada se expande e se intersecciona às outras dimensões da festa, fazendo com que atinja também outras dimensões da vida social.

Na organização e execução do ritual, as mulheres marujas são de grande importância, principalmente pela superioridade numérica e estética, conferindo a estas um *status* de protagonistas da festa. Assim, é possível situar os lugares das mulheres na cultura popular e nas festas religiosas a partir da experiência das marujas em Bragança, no que diz respeito

¹ A Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança é uma ressignificação da antiga Irmandade do Glorioso São Benedito de Bragança, umas das irmandades que são herança do período colonial, que tinha como propósito a associação de negras e negros escravizados/os, e que cumpriam uma dupla função; de um lado seu caráter assistencialista visava demonstrar a benevolência dos senhores, por outro lado, se constituíram como importantes espaços de resistência e organização política. Os escravizados se utilizavam desses espaços para montar suas estratégias de resistências das práticas sociais e religiosas.

à forma como atuaram no passado e continuam atuando na atualidade. Almejo provocar uma interessante reflexão sobre mulheres, cultura popular e as festas nas pequenas cidades amazônicas, pois estas retratam algumas características presentes em outras festas no interior do Pará e também das grandes festas, como Círio de Nazaré.

As discussões aqui apresentadas centralizam nas questões das formações das identidades², interessa compreender como a Marujada atingiu as dimensões da vida social das mulheres no seu processo de construção histórica, uma vez que essa manifestação cultural se constitui entre um grupo de pessoas, com número superior de mulheres tanto na participação quanto na organização da festa em seu sentido mais amplo, considerando que agrega tanto os momentos rituais demarcados no calendário quanto tudo o que gira em torno, sendo considera como um “fato social total”, no termos de Marcel Mauss (2003).

A construção das identidades das mulheres marujas é de valiosa importância para este trabalho, realizar um recorte histórico tem a intenção de dar conta das transformações que estão constantemente (re)criando novos significados no ser maruja. Uma vez que a noção de pertencimento a determinado grupo social é também articulada cotidianamente ao longo do tempo. Nesse sentido é possível dizer que houve diversas transformações nos processos de identificação com a marujada e que isso é um processo contínuo, se no passado era vista como “coisa de preto” e uma tradição da população empobrecida, atualmente tornou-se patrimônio cultural amplamente aceita, e até conclamada, por um público embranquecido, assumindo alguns vieses elitistas e de não predominância negra.

Essa desestabilização de velhas identidades (Hall, 2000) traz implicações na vida social e nas noções de pertencimento religioso, étnico, racial. Uma identidade descentrada e complexa com novas questões que modificam as relações sociais, as noções de pertencimento e as identidades individuais e coletivas. Uma das preocupações deste trabalho é provocar uma reflexão sobre os processos de transformação social que afetaram essas noções de pertencimento, por uma perspectiva de gênero que situa as mulheres como agentes de transformação. Diante da apropriação de um espaço que era genuinamente negro e popular, é necessário não apagar o protagonismo histórico de quem esteve ao longo das décadas trabalhando para levar adiante os patrimônios culturais.

O objetivo desta pesquisa é analisar o lugar que as mulheres ocuparam nas diferentes fases de transformação cultural da Marujada, desde o período colonial até o contexto contemporâneo, para isso é importante refletir sobre um como se deu o processo histórico de construção da identidade das mulheres marujas. A análise se ocupa dos processos de transformação cultural nas suas diversas fases históricas, contextualizando historicamente a gênese, o processo de “embranquecimento” pelo qual esta passou no início do século XX, de desestruturação decorrente dos conflitos que se desencadearam entre a Igreja e a Marujada, seguido do processo de reestruturação e afirmação enquanto patrimônio cultural. A análise enfoca no imaginário acerca das marujas, evidencia como as marujas constroem as narrativas da história a partir de suas próprias memórias, analisa como se construiu a identidade

² Algumas questões sobre a construção das identidades das marujas foram discutidas em Corrêa (2018). Considero que as identidades são construídas contextualmente e que estão em constante transformação, nessa ocasião dialoguei com Arturo Escobar (2010), Claudia Briones (2007) e Hall (2000) para discutir sobre a fluidez e as negociações em torno das identidades no mundo contemporâneo, no qual os sujeitos rearticulam suas práticas e discursos nos diferentes contextos, tornando-as não fixas e sempre em processo.

da maruja a partir das representações e discursos na literatura em diferentes períodos, percebendo as transformações nos papéis que as agentes construíram no processo histórico.

Por ser um espaço de predominância feminina, proponho uma análise que busca pensar as mulheres como agentes concretos capazes de produzir e transformar os espaços nos quais estão inseridas. Uma contraposição a tendência invisibilizadora dos lugares do feminino, tanto nos textos analíticos quanto no percurso histórico, que não se preocupa em pensá-las como sujeitos políticos atuantes, que articulam suas “vidas vividas” com as estruturas nas quais estão inseridas, negociam suas realidades, de forma a transformar e influenciar as posições de dominação, desestabilizando as relações de poder e as hierarquias impostas.

Para isso, dialogo com os conceitos de cultura, agência e poder de Ortner (2007: 34), para quem a cultura é um objeto “parcialmente móvel”, público e viajante, e que se desdobra de maneira que os sujeitos se apropriam de formas diferentes. Os esquemas culturais se estruturam de maneiras diversas e são permeados por relações de diversos tipos, como as relações de hierarquia e poder, presentes nas diversas instituições. Porém, dentro dessa estrutura que se mostra desigual nas relações, nas quais os grupos minoritários são os subordinados, os sujeitos são agentes sociais com possibilidades intencionais de transformação social.

A transformação social, ainda segundo Ortner (2007), é possível em função de uma produção cultural constante, que envolve também contestação e incorporação de novos pensamentos e ideologias. Busco pensar a agência das mulheres na construção da identidade de marujas pela perspectiva da intencionalidade, sendo capaz de contrapor as ordens de dominação impostas pelas relações de poder colonial que marcaram historicamente a festa, uma vez que, mesmo sendo universal, a agência também é culturalmente construída, formando as resistências - um elemento importante das práticas sociais agentivas - das quais as marujas de São Benedito se valeram para defender suas identidades e práticas sociais individuais e coletivas em diversos instantes da história.

Esta pesquisa é resultado de pesquisa etnográfica de mestrado que utilizou o trabalho de campo como recurso para a participação observante na Festa de São Benedito entre os anos de 2014 e 2016³. A observação direta também aconteceu em outros eventos, sendo possível vivenciar a festa em várias dimensões, isso incluiu pesquisa bibliográfica, fotográfica e documental. Os documentos principais de análise para este trabalho foram as atas das reuniões da Irmandade da Marujada de São Benedito, as representações que permeava a poesia e as crônicas produzidas principalmente em meados do século XX e narrativas das marujas obtidas através de conversas e entrevistas gravadas.

Os rituais das festas são espaços privilegiados para pensarmos sobre a criatividade, a subversão e os conflitos das populações que foram historicamente vistas como marginais. O ritual é uma declaração simbólica que informa sobre os sujeitos que participam, por isso desnuda posicionalidades, relações sociais, status, sendo passível de ser manipulado a fim de atender interesses, motivados pela aquisição de poder e prestígio, revelando conflitos e

³ Este trabalho é uma versão de um dos capítulos da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará no ano de 2017.

visões de mundo de grupos sociais. Os valores encontrados no ritual estão presentes também no cotidiano de uma sociedade, são eficazes na transmissão de conhecimentos assim como para resolução de conflitos e reprodução das relações sociais (Peirano, 2006).

Atualmente a Marujada é composta por mulheres marujas, que são maioria, e também por marujos, irmãos e irmãs de São Benedito que compartilham e reafirmam anualmente sua identidade cultural e a devoção ao Santo. É por meio dessa experiência cultural e pelo canal aberto pela Marujada, essa manifestação de originalidade e criatividade do povo negro, que um público mais amplo pode dançar para São Benedito, o Santo Preto.

Dançando a Marujada: símbolos e rituais (re)significados desde o terreiro ao barracão

No contexto contemporâneo das festas religiosas no Brasil, as múltiplas dimensões destas se misturam e se confundem, ultrapassando a antiga dicotomia sagrado-profano, dos pressupostos de Durkheim (1983). Na Marujada se misturam devoção e dança, tornando difícil a divisão entre sagrado e profano, pois não há dança sem a ligação com São Benedito. Ao mesmo tempo em que a devoção a São Benedito remete à dança, à festa e ao riso. O momento ritual é um reflexo da vida cotidiana dos sujeitos que o praticam, neste caso, é constituída por meio da ancestralidade e do repasse geracional.

A festa é um momento especial para o qual as pessoas se preparam o ano inteiro. As marujas mandam fazer chapéus, roupas, compram acessórios, se preparam para receber visitantes em suas casas, é uma fuga do ordinário da vida cotidiana, um momento extraordinário onde alguns papéis sociais podem ser subvertidos. As pessoas anseiam se encontrar, se mostrar, compartilhar de uma mesma efervescência social, unidos pela devoção. Cavalcanti (2013) pensa as diferentes festas no Brasil pelo seu formato híbrido, que tomam grandes proporções na atualidade, ganham novos lugares na mídia, novos espaços físicos e, assim, novo papel político e econômico. São espaços híbridos que estão interconectados, um hibridismo que resulta principalmente das modificações históricas nas dimensões da festa.

Na Amazônia colonial, as festas religiosas se configuravam como espaços de lazer, onde era possível relativa autonomia de negras e negros, que utilizavam a dança e o canto para manifestar as heranças culturais ancestrais. A Marujada é vista como um desses espaços de expressão, da dança, do canto, dos tambores, na qual os participantes se preparavam especialmente para festejar, pois nesses festejos era a

... oportunidade em que vestiam os seus melhores trajes. Geralmente as mulheres usavam vestidos bufantes e coloridos, esbanjavam sensualidade nas danças do lundu e do carimbó, ao som dos tambores. Momentos em que as relações antagônicas tornavam-se fragilizadas e em que livres e escravos faziam causa comum [...]. Valendo-se das festas religiosas, os escravos (sic) faziam devoções a seus santos, cantavam seus hinos e dançavam. Eram momentos em que as origens africanas se manifestavam, e novas identidades culturais se constituíam. Carimbó, lundu, boi-bumbá, marambiré, aiúê e outros folguedos se cristalizaram a partir de práticas culturais dos escravos [...]. São cantos e danças que exprimem uma nova “estética musical”. Sons, ritmos, palavras, cantos que vêm do outro lado do Atlântico, que se materializam, se mesclam em novas formas de expressão da cultura negra (Funes 2012: 199-200).

Há inúmeras festas religiosas no Brasil nas quais as mulheres estão presentes como protagonistas. São heranças que podem ser explicadas por uma tradição feminina nas religiões de matriz africana. Como nos mostra a pesquisa realizada por Landes (2002) sobre os cultos nos templos de Candomblé na Bahia, as mulheres aparecem como centrais nesses espaços dos cultos. A autora concluiu que o sacerdócio é predominantemente feminino, nesses templos havia um clero formado por mulheres, o que contrasta com o clero católico, porém não havia uma competição com a Igreja, ao contrário, era incentivado que se confessasse o pertencimento ao catolicismo.

Para Rosário (2000: 201-202) a gênese da presença feminina na Marujada pode ser associada às mulheres negras escravizadas que viviam em Bragança,

... as mulheres negras sobreviverão como mães-pretas, amas, domésticas, servas dos senhores e de seus filhos. Também cuidarão dos altares, do Oratório, mas buscarão no Caeté uma maneira mais própria e primitiva de cultuar (sic), no que não falta a expressão corporal, a dança, também a dramatização e os instrumentos de percussão, na música, tudo dentro dessa atmosfera do espírito de irmandade. [...]. Tal como a mulher índia (sic) em toda a Amazônia, também a mulher negra, escravizada, sobreviveu no Caeté mais que o homem no processo de formação da comunidade devota. Os homens foram consumidos como mão-de-obra.

O autor mostra uma visão cristalizada e refutável sobre a presença das mulheres negras e indígenas na Amazônia colonial, porém traz alguns pontos interessantes para a discussão em questão. Essa ‘maneira primitiva de cultuar’ era o culto aos orixás e a entidades relacionadas as ancestralidades que as mulheres perpetuavam dentro dos terreiros, e que ainda está presente na religiosidade afro-brasileira. Nesse contexto, a expressão corporal por meio das danças e a da música era elemento central.

Porém é possível ir além e pensar que não era uma participação sem agência, ao contrário, como disse Quijano (1998:233), *“fueron, es verdad, obligados a la imitación, a la simulación de lo ajeno y a la vergüenza de lo propio. Pero nadie pudo evitar que ellos aprendieran pronto a subvertir todo aquello que tenían que imitar, simular o venerar.”* As irmandades, os espaços de relativa liberdade e a obrigação à imitação era um caminho para a subversão e a criação de novas experiências culturais.

Para Bastos (2009) a centralidade das mulheres nas religiões afro-brasileiras pode ser explicada historicamente por meio do trabalho. As diversas atividades econômicas exercidas, como a venda de comidas, permitiram juntar algum dinheiro que possibilitava articular as condições materiais para a prática dos cultos rituais. Ainda segundo a autora, o matriarcado nessas religiões está ligado à formação familiar dos escravizados que era diferenciada, pois a estabilidade pelo casamento não era possível no contexto do Brasil colonial. Além disso, havia também as responsabilidades religiosas nos templos que exigia muita dedicação. O casamento era então desvalorizado, pois uma união poderia ser desvantagem para elas, mostrando assim que havia uma redefinição das identidades de gênero, que são os papéis sociais delegados socialmente a homens e mulheres.

A partir disso é possível pensar que havia uma condição de liberdade conquistada antes que fosse sancionada a legislação que as tornou libertas, com relativa autonomia para exercerem seus cultos, por exemplo. As mulheres se articulavam pelas margens, com estratégias para a compra de liberdades de outra/os escravizada/os. Eram articulações políticas importantes, que refletiram na forma como algumas práticas e manifestações foram levadas a diante. Por outro lado, a maioria ainda continuava a desempenhar papéis como lavadeiras, arrumadeiras, cozinheiras.

Os terreiros⁴ afro-brasileiros do passado se resignificaram dentro do barracão,⁵ um deslocamento espacial e temporal dos espaços rituais, muito influenciados pela presença e comando feminino que se perpetuaram até o mundo contemporâneo. Na Marujada, o barracão é o espaço ritual para as apresentações da dança assim como espaço simbólico de resistência, enquanto espaço físico, atualmente possui uma estrutura que já não comporta as apresentações da dança confortavelmente devido ao grande público da festa, porém ainda assim é considerado um espaço simbólico, uma derivação dos terreiros. Nesse processo de resignificação deixou de ser um barracão de terra batida, coberto com palha, para um espaço que está se tornando pequeno demais para comportar tantas marujas, marujos e o público espectador.

Antes de ser um lugar de prestígio era visto como um espaço marginalizado. Nessa época, as mulheres que dançavam no barracão também eram as que dançavam nos terreiros ou ainda nos bares, ou seja, eram vistas como subversivas, muitas delas eram associadas a “mulheres da vida”. A participação na festa era marcada pelo consumo de bebidas alcoólicas, pela dança e pelo riso, aspectos que a Igreja tentava controlar. Dona Francisca, uma maruja do quadro da irmandade⁶, que é maruja há várias décadas, contou-me que, *“de primeiro ali onde hoje em dia tem aquele salão que faz o leilão [ao lado do barracão], era o barraco que tinha a festa, durante 8 dias [...] E ao redor tinha aquelas barraquinhas. Tudo era coberto de palha, cercado de palha, assim que era a tradição da festa. Depois que os padres tomaram de conta que acabou. A barraca era de palha, cercada de palha, tudo era de palha e tinha uns botequinhos, tudo vendia comida, vendia cachaça, vendia cerveja”*.

A dança era/é movida ao som do retumbão, que segundo Bordallo da Silva (1959), é um ritmo semelhante ao do lundum, este por sua vez é

⁴ Os terreiros são espaços de cultos e rituais ainda presentes na atualidade, a resignificação nesse contexto não significa que estes deixaram de existir.

⁵ O barracão é o espaço ritual da marujada. É um prédio histórico que se localiza ao lado da Igreja de São Benedito, no centro de Bragança, um dos espaços principais da marujada.

⁶ São as marujas que possuem participação na Irmandade como associadas, geralmente são as que participam há bastante tempo e que participam dos processos de organização e articulação da instituição.

uma dança/ritmo com origens africanas, sendo modificada desde sua origem nas senzalas e terreiros até sua apresentação em salões. Porém o retumbão não tem os “requebros excitantes” do lundum, é marcado pela coreografia realizada em pares formados por marujos e marujas ao som do ritmo do tambor, na qual o marujo inicia e encerra a dança, que se caracteriza por voltas para esquerda e para direita, lembrando algumas características das danças de terreiro.



Imagem 1: A dança da Marujada de São Benedito. Fonte: Ester Corrêa (2016)

A Marujada⁷ assumiu múltiplos significados historicamente e na atualidade, é, por um lado, uma organização institucional que se articula através da Irmandade, por outro um conjunto de danças que se estruturam sequencialmente sob o comando da Capitoa. No sentido da dança, se esquematiza em um ritual que se inicia com uma roda, seguida do retumbão, chorado. Essas são consideradas as danças principais, que fazem parte desta desde a gênese, além dessas há a mazurca, contradança, xote, rastapé e valsa que foram incorporadas posteriormente e tem características mais próximas às danças europeias. Todo ritual é acompanhado por músicas executadas por uma banda com tambores, rabeca e banjo, composta principalmente por homens marujos.

O termo “marujada” tornou-se polissêmico e pode ser usado para se referir tanto ao ritual da dança quanto a festa em si. Possui símbolos com aspectos religiosos, que possuem uma ligação indissociável com São Benedito, uma relação mediada pela promessa assim como por códigos de condutas morais, além disso possui símbolos particulares, como é o caso dos trajes, que são símbolos importantes da construção estética, e da musicalidade, parte do aspecto artístico. Os trajes característicos que são patrimônios culturais materiais. Há trajes específicos para ocasiões específicas, tornando a indumentária uma característica importante. Há três tipos de trajes que são usados em ocasiões diferentes. A Capitoa é a pessoa responsável por fiscalizar se os trajes estão adequados às normas.

Não se tem registros na literatura sobre a origem desses trajes, nem quando passaram a ser usados na Marujada, ou sobre a simbologia das cores. Contudo, é possível encontrar estudos que apresentam algumas características históricas destes, e que por seu grau de elaboração, pode ser uma tradição inventada no século XX, durante os processos de transformação que visavam afirmar a manifestação cultural reconhecida e não apenas como folclore.

As Marujas se apresentam tipicamente vestidas: - usam uma blusa ou mandrião branco, todo pregueado e rendado e a saia, encarnada, azul ou branca com ramagens de uma dessas cores, é uma grande saia rodada indo quase ao tornozelo. A tiracolo cingem uma fita azul ou encarnada, conforme a ramagem ou o colorido da saia; na cabeça ostentam um chapéu todo emplumado e cheio de fitas multicores e no pescoço trazem um colar de contar ou cordão de ouro com medalhas (Bordallo da Silva 1959: 63).

Por outro lado, também possuem grande semelhança com os trajes utilizados em cultos de matriz afro-brasileira. A indumentária das marujas é composta ainda por vários acessórios como colares, brincos e pulseiras. O uso de muitos colares é um destaque, e algumas marujas usam colar com uma medalha de São Benedito, que indica a antiguidade da associação à Irmandade. Alencar (2014) afirmou que os colares são um laço que remete aos antepassados, que resistiu e ainda está presente na indumentária das marujas. Esse elemento a torna com

⁷ A definição oficial está descrita no Artigo 2 do Estatuto da Irmandade: “A Marujada, organização profana de regozijo popular, a mais expressiva e genuinamente bragantina, tem por finalidade manter a organização de forma a poder continuar com a tradição, dando maior pompa e divulgação à festa do Glorioso São Benedito de Bragança e também prestar assistência às Irmãs (os) marujas (os), na saúde, na educação, no lazer, e na economia de conformidade com o presente Estatuto”. Estatuto da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, 13 de janeiro de 1985.

aspecto similar as de mães de santo dos cultos afro.

O chapéu da maruja é um dos símbolos mais conhecidos e difundidos da marujada, faz parte apenas da indumentária feminina, é um objeto importante que se constituiu como um dos símbolos mais representativos do ritual. Trago uma descrição detalhada elaborada nos anos 1950 por Bordallo da Silva (1959), e mostra como se conservaram vários elementos que são característicos dos trajes das marujas na atualidade.

A parte mais vistosa dessa indumentária é o chapéu cuja base propriamente dita era antigamente feito de feltro, côco ou cartola; os de fabrico moderno são de carnaúba, palinha ou mesmo de papelão. Seja qual for o material empregado na estrutura básica do chapéu, ele é forrado na parte interna e externa. A aba com papel prateado ou estanhado; lateralmente com papel de cores; e em torno, formando um ou mais cordões em semi-círculo, presos nas extremidades, em pontos equidistantes, são colocados voltas ou alças de casquilho dourado, prateado ou colorido. Entre as alças, por cima das voltas, são também colocados espelinhos quadrados ou redondos. Ao alto plumas e penas de aves de diversas cores, formam um largo penacho com mais ou menos cinquenta centímetros de altura. Da aba, na parte posterior do chapéu, descem ao longo da costa da maruja, numerosas fitas multicores. O maior número ou largura das fitas, embora não indicando hierarquia, é reservado às mais antigas (Bordallo da Silva 1959: 63).

Embora os chapéus das marujas preservem suas principais características, houve pequenas alterações, como as penas que são utilizadas apenas na cor branca, penas do peito de pato – como me contou em conversa uma das interlocutoras marujas que também fabrica o chapéu artesanalmente.



Imagem 2 - Capitão e Vice-Capitão e demais marujas em frente a Igreja de São Benedito. Fonte: Ester Corrêa (2016)

A Marujada é considerada Patrimônio Cultural e Artístico do Pará, nesse processo da patrimonialização, a questão da salvaguarda foi crucial, segundo Sant'ana (2013) os indivíduos e grupos que são os produtores e transmissores desse tipo de patrimônio são centrais pois a dimensão simbólica e cultural é fundamental. Muitas festas religiosas estão no conjunto dos patrimônios culturais do Brasil, compondo a identidade cultural dos brasileiros. São parte das manifestações populares que foram ressignificadas, no que pode ser chamado erroneamente de 'resgate', principalmente no interior do Brasil. São nesses espaços simbólicos que as noções de pertencimento e de identidade se recriam constantemente.

Os processos históricos de transformações: do branqueamento às reinvenções

É possível pensar que a forte influência do culto afro-brasileiro e o lugar que as mulheres ocupavam nos templos seja a gênese do protagonismo das mulheres nessa manifestação. Uma tradição construída pelos pés descalços das negras e negros escravizados, mas que sofreram com a tentativa de apagamento de suas subjetividades, como parte do projeto de dominação colonial. A igreja funcionou como a instituição que direcionava a reprodução do modelo colonial de classificação social, por meio da interferência do poder eclesiástico, que exigia ser dominante, houve muitas tensões intersubjetivas na tentativa de apagar os traços negros, porém várias pegadas se mantiveram visíveis, na música, na dança, nos trajes.

Segundo Alencar (2014) a devoção a São Benedito em Bragança esteve atrelada às práticas religiosas e culturais de escravizados que prestavam o culto ao Santo em uma aliança tácita entre escravos e senhores, como estratégia e forma de encobrir as suas práticas do culto afro-religioso. Os senhores, em troca, demonstravam sua benevolência, que era uma forma de escamotear seus interesses de manter o controle sobre as pessoas escravizadas em todos os espaços.

O culto ao santo, a imagem de São Benedito, revestido de Cristianismo, era uma forma de manter e perdurar rituais, crenças, costumes que os escravos carregavam em seu arcabouço originário. Com a introdução das danças, do ritmo dos tambores, das indumentárias, aflora uma sequência de memórias que permaneciam enterradas nos terreiros africanos e que ressurgem silenciosamente (Alencar 2014: 23).

O século XX foi de grandes transformações nessa manifestação, principalmente em função da importância da Irmandade em Bragança que se manteve firme após o fim do período da escravidão, quando as confrarias desse tipo tendiam a desaparecer. O início do século foi um período de intensos conflitos, Alencar (2014) disse que a manifestação sofreu um “processo de branqueamento”. Sobre esse tema Dona Suely expressa sua narrativa sobre essas mudanças: – *“consideravam que só poderia ser da Irmandade os negros, criaram uma lei entre eles. Antigamente eram só negros que eram da Irmandade, já no começo do século XX que começaram a colocar brancos, resolveram colocar pessoas de outras etnias. Por sinal, o chapéu da maruja tem 14 fitas em homenagem aos 14 escravos [que fundaram a Irmandade] e uma é preta em homenagem a eles, então ela é preta por isso”*.

Sobre isso, Alencar (2014) esclarece que:

Nos primeiros anos do século XX, aconteceu o processo de branqueamento da Irmandade, pela entrada de outros “irmãos” que não eram negros, assim ganhou outras características que não seriam apenas a de reunião de escravos, mas de devotos ao santo seja qual fosse etnia ou origem. Isso ocorreu devido à importância que a Irmandade de São Benedito adquiriu dentro da sociedade bragantina, transformando-se em um grupo com outras pretensões, que iam muito além da manifestação cultural (Alencar, 2014: 24).

Com a entrada dos novos devotos, novos elementos e símbolos foram inseridos influenciando nas danças, como por exemplo, a incorporação de danças de origem europeia. Isso é contextualizado dentro das mudanças culturais que Bragança enfrentou na fase em que vigorou a Estrada de Ferro que ligava a cidade à capital, Belém. Na metade do século XX, a marujada passa a ser tema de inspiração para poesias, crônicas, a figura da maruja passou a circular nas revistas e na literatura do “folclore” bragantino.

A inclusão de danças de características ocidentais está relacionada ao cultivo dos hábitos europeus, refletia a influência da *Belle Époque* na região amazônica. Também é parte da tentativa de branqueamento, defendido por uma perspectiva higienista na qual as pessoas negras e originárias não faziam parte do projeto de nação da sociedade brasileira, que mesmo após o fim do período colonial, manteve a prática colonial racista que desprezava e tentava apagar essas formas de existências, e tudo que estivesse relacionado.

Esse processo de branqueamento pode ser pensado não apenas pela entrada de devotos brancos, mas também pela tentativa de controle que a Igreja buscava exercer sobre as festas, retirando elementos que remetessem à negritude, às religiões afro, uma espécie de branqueamento político e religioso. Para analisar esse dado dialogo com Bento (2014) que afirma que havia uma expectativa de que o Brasil se tornasse branco, após o final do período de escravidão. Nesse contexto, estava em pleno vigor as teorias raciais da degeneração que retratava pessoas negras como inferiores. O branqueamento era visto como forma de ascensão, uma ideia que ganhou força no Brasil no período do início da industrialização, na década de 1930.

Em uma crônica que circulou na Revista Bragança Ilustrada de 1952, Lobão da Silveira, escreve sobre a Marujada à luz de um discurso romantizado e pejorativo em relação ao passado afro da manifestação, que refletia também do imaginário local sobre os negros na época.

E as marujas se enfeitam. Saias encarnadas e azuis. Blusinhas brancas, de rendas, chapéus de fitas das mais variadas cores, penas de garça e de guará, miçangas e vidrilhos, espelhos e contas. Tudo matizado, tudo alegre. O retumbão se ensaia. A capitoa comanda a turma. Reminiscência do passado. Santa ingenuidade que não faz mal a ninguém. O intuito vale tudo. É a homenagem a São Benedito. E elas vão passando, a viola tocando, a cuíca roncando, girando, volteando, tudo para agradar a São Benedito. Resto de africanismo. Bragança

negróide, disse o poeta Heimar Tavares, um pedaço gostoso do passado. A única tradição que nos resta do passado, desse passado que era tão bom e que sangra saudades no coração da gente (IAP, 2000: 105-106).

A evocação à tradição do passado busca cristalizar a presença do “negro escravo” ingênuo, sem agência, que é perdoado pelas suas práticas rituais, uma vez que já “não faz mal a ninguém”. É possível perceber uma “benevolência” dos novos devotos com os “restos de africanismos”, além disso, cria-se uma ideia romantizada e de exaltação ao passado, de um passado “era tão bom”, que ignorava as violências da escravidão e a subversão a partir da qual essa tradição foi constituída. Como disse Quijano (1998) para os herdeiros da colonização expressarem suas próprias experiências culturais, talento e criatividade foi necessário se identificar com o trabalho dos dominados, já que eram incapazes de criar algo original e próprio, distante do eurocentrismo.

A crônica “O chamado” de Jorge Ramos, que data de 1952, momento histórico em que se situa a gênese da construção de uma identidade essencialista, que exalta a “bragantinidade” através da festa de São Benedito. Uma identidade que regional que buscava se afirmar por meio da marujada.

É a marujada. A nossa e só nossa marujada. As pretas e as morenas de saíões vermelhos, casaquinhos brancos, que foram guardados um ano, juntamente com a pripioca e o alecrim dentro da mala, o chapéu de pluma de todas as cores, do guará, do pato, aqueles chapéus cheios de espelinhos, miçangas e outras besteirinhas. (IAP, 2000: 108)

Nessas narrativas poéticas as representações que circulavam sobre as marujas e Capitoa, são centradas especialmente na questão da estética, porém há referência à autoridade da Capitoa, um reconhecimento da sua autoridade e liderança, mediada pelo bastão de flores, sendo seguida por “suas” marujas. Nas poesias de Bolívar Bordallo da Silva:

A “Capitoa” vai à frente,
Com seu pequeno bastão,
E as marujas, saudando a gente,
Perpetuam a tradição
Miçangas, espelhos e fitas
Blusas brancas, saias de cor,
Levam as marujas catitas
Para o batuque do tambor” (IAP, 2000: 12)

Ou ainda

A “Capitoa”, airosa, surge à frente
Suas marujas seguem seu bastão;
O tambor-grande chama toda a gente,
E os dançadores entram no salão” (IAP, 2000: 13)

A partir dessas representações que passam a circular dentro de um espectro de aceitação do público branco, as marujas também passaram a ter sua imagem circulando em vários meios, principalmente a partir de Bordallo da Silva, que fez um desenho do chapéu da maruja originalmente em preto e branco. Esse desenho foi utilizado como emblema na I Jornada Paraense de Foldore, em uma versão colorida, como pode ser vista na imagem a seguir:



Imagem 3 - Emblema da Jornada Paraense de Folclore que retrata uma marujada.

Fonte: Rosário (2000)

É possível apreender que novos discursos são construídos e passam a circular algumas representações que podem ser atribuídas à entrada desses novos devotos brancos, que compartilhavam condições sociais de “marginalidade”, mas que também deriva da busca por uma identidade regional que não poderia ser firmada sem a Marujada e São Benedito.

Dentro do grupo, a questão da identidade se transforma, pois passa a se construir não apenas pela ideia de um grupo racial, mas também pelo pertencimento de classe, assim a irmandade passou a se configurar a partir de outras referências de solidariedade. Porém, isso não significa dizer que os traços da identidade negra tenham sido apagados, como disse Brah (2012: 372):

...uma dada identidade coletiva parcialmente apaga traços de outras identidades, mas também carrega outros traços delas. Isso quer dizer que uma consciência expandida de uma construção de identidade num dado momento sempre requer uma supressão parcial da memória ou senso subjetivo da heterogeneidade interna de um grupo.

Nesse período já havia grande tensão entre a Igreja e a Irmandade, o catolicismo erudito se sentia ameaçado pelo catolicismo popular, expresso principalmente pela devoção popular através da dança da marujada. Essa tensão durou décadas e envolveu toda a sociedade bragantina, pois se tornou uma disputa judicial e simbólica, que se desenrolou definitivamente na década de 1980. Nesse processo, a Igreja saiu vencedora judicialmente, porém, simbolicamente a Marujada – através da irmandade –, é que foi vitoriosa, pois com a extinção da Irmandade religiosa e a perda dos bens materiais, uma nova Irmandade surgiu requerida pelos próprios participantes, nos moldes como é articulada na atualidade, dando início a atual fase da Marujada.

Benedita Tamanquinho (Benedita Ferreira da Silva), que foi uma Capitoa até seu falecimento em 1999, foi a articuladora da transformação da Irmandade em Sociedade Civil, propôs o desligamento das marujas da antiga Irmandade e criou a Irmandade das Marujas de São Benedito. Em uma reunião o atual presidente da Irmandade fez o seguinte comentário: *“Disse que a Capitoa demonstrou através de pedido verbal o desejo de ver constituída uma Irmandade com o objetivo específico de congregar as Marujas sob a denominação de Irmandade das Marujas de São Benedito de Bragança”*⁸, e que atualmente é a Irmandade da Marujada.

Essa rearticulação é fruto de estratégias políticas, nas quais os produtores e produtoras eram/são os agentes que atuaram com teimosia quando o grupo estava ameaçado de desarticulação. Foi um marco na história da Marujada, refletindo ainda na forma como se organizam na atualidade, além disso, acumulou diversas modificações no decorrer dos anos, conseguindo manter-se firme pelo aspecto religioso e firmou um lugar de destaque como manifestação cultural.

O fim da escravidão, o impulso na economia por meio da estrada de ferro e do ciclo da borracha⁹, o controle higienista da Igreja, o surgimento

⁸ Ata da reunião do dia 08 de dezembro de 1984.

⁹ O período da borracha, chamada de Belle Époque, que compreende o final do século XIX e início do século XX, no qual muitos migrantes de outras regiões do país chegaram a Amazônia para trabalhar nos seringais, complexificando a organização social da região como a adoção de hábitos europeus e a formação de uma elite econômica e intelectual.

de uma elite intelectual que dispunha de meios de comunicação modificou vários aspectos da vida social bragantina no século XX. A Igreja, como parte do projeto colonial, tentava reafirmar o poder do catolicismo erudito tentando apagar as manifestações do catolicismo popular, dentre elas a Marujada. Mesmo com o processo de branqueamento, durante muito tempo a Marujada continuou à margem, relegada ao caráter folclórico e sob constante ameaça do catolicismo oficial.

Essas tensões nas subjetividades forçaram as negociações intersubjetivas, as identidades foram negociadas mediante uma relação de poder e dominação colonial, que se estendeu desde o período colonial e ganhou novas máscaras no mundo contemporâneo. Passou a se constituir por um grupo heterogêneo, que agrega não apenas negros e pobres, mas uma diversidade racial e de classe, sendo marcada por novas relações sociais.

A construção da identidade Maruja por meio de (r)existências, agências e rearticulações

A criação da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança foi um projeto de rearticulação que se consolidou de forma sólida por meio das agências que emergiram diante do conflito e da ameaça de extinção. A Igreja, ao ganhar a causa judicial, ficou com os bens da Irmandade, porém enfrentou a resistência e a agência das pessoas que constroem a manifestação.

Segundo contou Dona Francisca *“falaram que não ia sair, o São Benedito não ia esmolar, ia acabar com a esmolação¹⁰, que o santo não ia mais esmolar, ia ficar só na igreja. E a Marujada eles iam acabar, aí quando falaram na Marujada, as marujas pularam que não! Se São Benedito não saísse pra esmolar eles não tinham nada, mas a Marujada não acabava nunca, não era padre nem freira que ia acabar a Marujada, quem podia determinar com isso só Deus, mas padre e freira não iam acabar com a Marujada, e não acabaram mesmo”*.

Nas últimas décadas do século XX, com a culminância dos conflitos entre a Irmandade e a Igreja, a Marujada ficou em vias de ser extinta, como desejava o pensamento religioso, que desejava expurgar o aspecto “profano” das festas religiosas. Na impossibilidade de dissociar São Benedito e a Marujada, uma vez que já fazia parte de aspectos simbólicos importantes na “vida vivida” de marujas e marujos, estes sujeitos assumiram a responsabilidade de continuar levando ativamente a manifestação adiante¹¹.

Na contemporaneidade, pode ser compreendida como espaço heterogêneo que é atravessado por diversas relações de poder, hierarquizações e negociações. Tais relações se formaram e se firmaram durante os processos históricos pelos quais a marujada atravessou, principalmente durante o processo de rearticulação que enfrentou nas últimas décadas do século XX, no qual as mulheres marujas tiveram alto grau de participação. Silva (1997), argumentou que a participação das Marujas na Irmandade era uma estratégia política, era um espaço de negociações sociais, onde obtinham garantias que eram negadas no cotidiano. A irmandade foi e é um importante espaço de (re)articulação.

A identidade da maruja na atualidade é complexa, pois as marujas se enquadram em diferentes categorias, que dependem do grau e tempo de envolvimento na irmandade, além disso, precisam ser aceitas pela mesma. O pertencimento à Irmandade é uma característica flexível, porém é um fator de diferenciação, é mais “legítima” a maruja que é associada. A categoria ‘devoção’ é a dimensão mais agregadora dessa identidade, pois acumula maior quantidade de pessoas em torno de si. Existem outros marcadores de identificação que circulam fora da dimensão religiosa.

A devoção inicia com a realização de uma promessa para alcançar alguma benção e que marca o início de uma relação de troca entre o indivíduo e o santo no momento em que se estabelece um acordo. Ou seja, para se tornar maruja ou marujo é necessário que haja um pedido e recebimento de uma benção e o agradecimento ao Santo por tê-la alcançado. Segundo Geertz (2008) a devoção é uma disposição que o indivíduo possui para manifestar sua crença em determinados momentos. A substância da devoção vem do ânimo e da motivação, no caso dos devotos de São Benedito, a motivação a participar da festa é a promessa e ter uma benção alcançada por intermédio de São Benedito.

Professar a fé católica já foi um requisito para se tornar maruja ou marujo, porém o atual estatuto da Irmandade não discrimina credo

¹⁰ Esmolação é uma peregrinação que o Santo faz por várias regiões do interior durante grande parte do ano. É um dos rituais importantes da Festa de São Benedito

¹¹ Silva (1997) abordou em uma rica etnografia os processos de construção e ressignificação da identidade de marujos e marujas acompanhando o processo de rearticulação da irmandade que ocorreu na década de 1980. O autor disse que era uma resistência “com vistas a não perderem a sua identidade e com isso poderem reestruturar o seu universo simbólico, tornando-se os produtores de sua própria cultura” (p. 167).

ou religião. A Marujada deixou de ser impulsionada somente pelo seu aspecto religioso, mesmo que continue como um evento dentro do contexto de uma festa católica. O sincretismo é outro aspecto dessa dimensão religiosa, pois nem todas/os são católicas/os. Muitas marujas e marujos frequentam os terreiros de cultos de religião de matriz afro, principalmente o candomblé. Portanto, trata-se de uma identidade que “circula em diferentes níveis de religiosidade”, como observou Silva (1997: 282). Por sua dimensão de manifestação cultural há quem se declare “devoto da Marujada”, participando da dança pela identificação com o valor histórico e cultural, não mais motivado pela promessa, pela devoção ao Santo.

Para ser maruja não basta ser devota, é preciso saber dançar. No ritual o elemento de diferenciação é saber dançar a Marujada, além de obedecer às regras estabelecidas. Para entrar na roda, é necessário saber os passos das danças, que será acompanhado pelos olhos atentos dos muitos espectadores e lentes que vão assistir as apresentações. Importante ressaltar o papel dos ensaios que ocorrem antes das apresentações, nos quais é possível se aprender a dançar, porém “quem vai dançar” é uma negociação que perpassa por diversas relações, uma vez que na maioria das danças, o par precisa ser escolhido e convidado ao centro do salão, uma escolha que pode ser marcada por questões afetivas, faixa etária, etc.

Nesse processo de (re)articulação e negociação intersubjetiva, o barracão que antes era visto como “espaço de velhos”, nos termos de Silva (1997), tinha seu uso deslegitimado pelos mais jovens. No atual contexto é um espaço que agrega uma quantidade significativa de jovens e, por vezes, majoritária, principalmente do sexo masculino. Entre as marujas, a faixa etária é mais elevada, adultas e idosas são a maioria. A participação de crianças chama a atenção para o aspecto de repasse geracional que a Marujada incorpora.

Porém a incorporação de jovens não acontece sem o conflito geracional. Isso foi percebido de forma mais acentuada entre as marujas. As mais velhas podem reclamar de estar perdendo espaço durante a dança para as mais jovens, como fez Dona Francisca: *“De primeiro as marujada velha dançavam, agora elas não dançam mais não, quem dança é só aquelas ‘piriquetinhas’ desse tamanho assim. E são acesas! Elas arrastam o homem e vão dançar. [...] Aí fico embaixo das árvores que é mais lucro. E as marujas novas são acesas, pode ver que é contado uma velha pra tá dançando ali no meio, velha, velha... Até os homens, os marujos eles gostam de dançar só com as meninas novas. Os homens velhos não gostam de dançar com as velhas, eu agarro e vou ficar lá embaixo das árvores. Eu danço duas partes e fico logo agoniada. Ah, eu vou lá pra frente. É muito calor ali, era pra ser tudo fechado, e ter ar condicionado”*.

Entre os marujos, a presença de jovens ocupando espaço na dança é vista com admiração, como destacado pelo Capitão ao se referir a um rapaz jovem que dançava, elogiando publicamente ao declarar que ele dançava muito bem. Porém em outras épocas, chegou a ser sugerido que o Capitão proibisse a presença de crianças no barracão, para participantes com idade inferior a 15 anos. Com relação à música, que é elemento essencial da performance ritual, há presença quase exclusiva dos homens desempenhando o papel de tocadores, na atualidade, houve uma quebra na hegemonia masculina, através da presença de uma mulher jovem que toca a rabeca. A construção da identidade através da música ultrapassou o contexto da festa, e se afirmou como elemento da cultura local que é expressa em outros espaços do cenário musical paraense.

É possível afirmar que desde que o grupo se rearticulou, na década de 1980, se tornou muito mais heterogêneo, abarcando diversas classes sociais e constituindo complexas relações de poder, em um espaço político estratégico para os diversos interesses que circunscrevem a Marujada, seja político, religioso, acadêmico, etc. E nesse processo de rearticulação, as marujas estiveram envolvidas ativamente, como contou Dona Francisca:

“Olha a marujada é uma tradição de muitos anos, essa tradição é velha. Os padres quando eles queriam tomar [...] se meteram pra tomar a Igreja de São Benedito, e as marujada foram as primeiras que gritaram: Olha, nós temos o direito. A igreja ficou para o padre, é o direito dos padres exigirem, porque eles que lutam com igreja e o santo, mas a nossa Sociedade de Maruja, não vai acabar de jeito nenhum. Os padres podem ficar com a igreja, com o santo, com o dinheiro com tudo, mas com a Marujada não vai ficar. E nós vamos pra frente, vamos continuar a dançar a marujada. Todo ano tá aumentando, cada vez mais aumentando e ninguém vai parar a nossa tradição. É a Festa de São Benedito. Porque a Festa de São Benedito e a igreja começaram pela mão dos escravos, e repara bem que as marujas eram tudo preta, entre homem e mulher, foram os escravos que inventaram...”

As mulheres ganharam espaço político no decorrer dos anos e estiveram atuando diretamente na organização da marujada. Nas análises que realizei das atas de reuniões foi possível perceber que elas eram maioria, além de comporem também os cargos da diretoria. Em 2016

participei de uma reunião da Irmandade, que ocorreu antes da Festa, na qual a maioria das pessoas presentes eram marujas. Durante a reunião, o presidente disse que havia cerca de 280 marujas cadastradas – 120 marujos – porém esse número é cambiante, uma vez que todos os anos outras marujas solicitam associação. Ou seja, as decisões sobre os rumos da Marujada passaram pelo voto das mulheres, mesmo que o poder pareça centrado nas mãos de uma pessoa, que é o Presidente da Irmandade, uma figura que inevitavelmente se torna o elo entre a Irmandade e a Marujada.



Imagem 4: Marujas de São Benedito. Fonte: Ester Corrêa.

O número de marujas associadas à Irmandade é muito superior ao de homens. A Marujada tem continuidade no tempo por meio do repasse às novas gerações dos elementos centrais do ritual, essa continuidade é fruto das resistências que as/os agentes, em especial as mulheres, construíram por meio da organização no espaço da Irmandade e no espaço familiar onde continuam a repassar os elementos centrais desse ritual para as novas gerações. As mudanças que aconteceram ao longo dos anos na forma como as identidades foram se articulando e se resignificando, levou à transformações na identificação, modificando o perfil das/os participantes, trazendo novas questões. Os atuais produtores da marujada se localizam nos diversos segmentos sociais.

A identidade como uma construção social leva a pensar que a identidade maruja se modificou de acordo com o contexto social e histórico, o que caracteriza a dimensão fluída e situacional das identidades (Briones, 2007; Escobar, 2010). A forma como se constroem as identidades diaspóricas e originárias na América Latina é uma questão em aberto, pois se formam em meio as tensões dos conflitos de subjetividades, como disse Quijano (1998). A experiência cultural da devoção a São Benedito é compartilhada por um grupo no qual se cruzam identidades individuais e coletivas.

Nesse processo histórico, até que a marujada assumisse o status de patrimônio cultural, as mulheres atuaram e resistiram aos assédios da modernidade, reorganizando suas experiências dentro dos seus próprios esquemas culturais. Não deve ser entendido como um processo de resistência destituído de agência, mas sim como luta e enfrentamento com atuação direta no processo de construção cultural. A entrada de outros sujeitos, reivindicando protagonismo e reproduzindo as estruturas coloniais de gênero e de raça não apaga as agências de sujeitos históricos, como as Capitoas¹² – que tradicionalmente eram mulheres negras –, que deixaram rastros que as situam como protagonistas. Portanto, nenhuma resignificação, em termos de raça e classe, apagará o fato de que estas são responsáveis diretos pela continuação da manifestação. São estas as guardiãs, que cuidam da memória e dos lugares da memória, como o barracão e a igreja de São Benedito.

A Marujada é mais que uma referência simbólica à escravidão, referência a subversão, a criatividade e a força das mulheres negras. Esta perspectiva atualiza a forma como ainda é retratada a marujada. As populações negras não podem mais permanecer cristalizadas na referência escravocrata. Nem sempre dançaram para seus senhores, mas para suas próprias entidades, nem sempre aceitaram as ordens hierárquicas impostas em termos de gênero e classe, nem sempre foram servis e sem agência.

Proponho superar a narrativa hegemônica dos “escravos” que pediam permissão aos senhores de forma servil, é necessário ter em conta que as populações negras e indígenas foram submetidas a uma alienação histórica, mas sempre houve subversão e criatividade em cima

12 Discuti sobre o protagonismo e importância das capitoas em Corrêa (2018)

daquilo que tinham que venerar ou imitar. Mesmo com as reatualizações do poder colonial encontraram maneiras de expressar sua própria experiência subjetiva por meio dos rituais religiosos, que de acordo com Quijano (1998) é um processo de reoriginalização, de valorização das formas de existências de pessoas negras, uma reconstrução constante do mundo e de si.

E a dança continua

Tentei aqui realizar um panorama histórico sobre a cultura popular na Amazônia, a partir da Marujada de São Benedito de Bragança, tomando a cultura por sua perspectiva dinâmica, que se transforma e se reinventa preservando antigos símbolos e (re)criando novos significados. No caso da Marujada, a experiência cultural das devotas de São Benedito que possui identificação com a Marujada se modificou com o passar dos anos.

Procurei evidenciar que mesmo com as transformações ocorridas se manteve um sentimento de irmandade e solidariedade, que não se baseava somente na experiência da raça e nas referências ao doloroso passado escravocrata, mas também um sentimento de irmandade que passou a reunir marujas e marujos de diferentes perfis. No processo de inserção de novos elementos houve uma descaracterização do sentido que remetia a “tradição de negros”, propiciada pela incorporação de novos elementos que remetem à estética e dos costumes europeus, a partir do século XX, período em que obteve aceitação entre os “não-negros” e quando houve um embranquecimento no perfil das/dos participantes.

As mulheres, enquanto protagonistas do ritual da marujada, assumiram o protagonismo e a responsabilidade de levar adiante essa manifestação cultural, utilizando-se de estratégias, como o repasse geracional, para que esta continuasse viva. Situo as marujas como agentes importantes para a manutenção da manifestação através de resistências que fazem parte das ações que visam a manutenção da marujada, uma vez que “ser maruja”, “sair de maruja” e/ou “dançar a marujada” faz parte de um projeto de vida, que só se encerra com a morte, pois assim foi negociado com o Santo Preto. Esse processo de construção de uma identidade perpassou pela articulação das mulheres marujas como agentes e protagonistas.

A Marujada contemporânea ganhou uma dimensão que atravessa fronteiras religiosas, culturais, territoriais, temporais, uma vez que abrange grande parte do território de Bragança se estendendo a outros municípios e estados por onde a devoção à São Benedito é celebrada, em suas diversas dimensões que ultrapassam a tradição religiosa católica cristã e abrange outros grupos religiosos. Sendo parte de um universo que agrega diferentes realidades do contexto urbano e rural, aspectos que são observáveis nos diversos instantes rituais da Festa de São Benedito, assim como é formada por um grupo heterogêneo com sujeitos diferentes em termos de raça, classe, gênero e faixa etária, o que nos permite refletir sobre as diferentes gerações que são atravessadas pela dança e também da importância da valorização das produções concebidas e mantidas pelas populações negras.

Referências bibliográficas

- Alencar, L. (2014). No rastro dos “pés descalços”: da Marujada à narrativa literária. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia. Bragança.
- Bastos, I. (2009). A visão do Feminino nas Religiões Afro-brasileiras. CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais (4):153-165.
- Bento, M. (2014). Branqueamento e branquitude no Brasil. Caderno Racismo Institucional: Fórum de debates – Educação e Saúde. Acessado em fev. 2017. Disponível em: <http://www.cehmob.org.br/wp-content/uploads/2014/08/caderno-racismo.pdf>
- Bordallo da Silva, A. (1981). Contribuição ao Estudo do Folclore Amazônico na Zona Bragantina. Belém: Falangola.
- Bordallo da Silva, A. (1959). Contribuição ao estudo do folclore amazônico na zona brangantina. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi (5).
- Brah, A. (2006). Diferença, diversidade, diferenciação. Cadernos Pagu (26): 29-376.

- Briones, C. (2007). Teorías performativas de la identidad y performatividad de las teorías. *Tabula Rasa*. (6): 55-83.
- Cavalcanti, B. (2013). Novos lugares da Festa – Tradição e mercado, in *Revista Observatório Itaú Cultural* 14: 10-20. São Paulo: Itaú Cultural.
- Corrêa, E. (2017). Pérolas do Caeté: a dança das Marujas de São Benedito de Bragança-Pa. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Programa de Pós graduação em Antropologia. Belém.
- Corrêa, E. (2018). A mulher no comando da Marujada: “Ser Capitoa” da Marujada de São Benedito de Bragança-Pa. In *Anais da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia*. Disponível em:
http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1541357207_ARQUIVO_Amulhernocomandodamarujada.pdf. Acesso em nov/2021
- Durkheim, E. (1983 [1912]). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Abril Cultural.
- Escobar, A. (2010). Identidad, in *Territorios de diferencia: lugar, movimientos, vida, redes*. 231-283. Popayán: Enviñon editores.
- Funes, E. (2012). Negro na Amazônia: Recuperando sua história. *Afro-Asia* 45: 195-200.
- Geertz, C. (2008 [1923]). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Hall, S. (2000). Quem precisa da identidade? in *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Silva, I. (Org.) p. 103-133. Petrópolis: Vozes.
- IAP. (2000). *Antologia da Marujada*. Cadernos IAP. Couto, V. (Org.). Belém.
- Landes, R. (2002 [1947]). *A cidade das mulheres*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Malinowski, B. (1978). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural.
- Mauss, M. (2003). Ensaio sobre a dádiva, in *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.
- Ortner, S. B. (2007). Poder e projeto: reflexões sobre agência. In: Miriam Pillar Grossi, M. P.; Eckert, C.; Fry, P. (Org.). *Conferências e práticas antropológicas*. Brasília: ABA; Blumenau: Nova Letra.
- Peirano, M. (2006). Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. *Campos* 7(2):9-16.
- Quijano, A. (1998). Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina (Análisis). En: *Ecuador Debate*. Descentralización: entre lo global y lo local, Quito: CAAP, nº. 44, agosto.
- Rosário, U. (2000). *Saga do Caeté*. Belém: Cejup.
- Sant’anna, M. (2013). A festa como patrimônio cultural: problemas e dilemas da salvaguarda, in *Revista Observatório Itaú Cultural* 14: 21-30. São Paulo: Itaú Cultural.
- Silva, D. (1985). *Estatuto da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança*.
- Silva, D. (1997). *Os tambores da esperança: um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual na festa de São Benedito na cidade de Bragança*. Belém: Falangola.
- Silva, D. (2005). *Estatuto Social da Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança*.

Ester Paixão Corrêa é Doutoranda em Antropologia Social – PPGAS/UFRN (Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte. Pesquisadora no Grupo de Pesquisas Gênero, Corpo e Sexualidade (GCS) e Grupo Antropologia do Turismo na Amazônia (GATA).